

## A INTELLECTUALIDADE POPULAR EM DOIS ROMANCES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Giselle Rodrigues Ribeiro<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar o comportamento crítico das personagens da literatura africana de língua portuguesa Régulo Bsum Nanki, do romance *A última tragédia*, e Arcanjo Mistura, do romance *O outro pé da sereia*, considerando o modo como se relacionam socialmente, para ponderar sobre o discurso crítico que revelam enquanto personagens populares. Para tanto, nosso subsídio teórico compreendeu, principalmente, as teorizações de Said (1994) e de Santos (2000). Concluiu-se, tangendo à questão racial levantada pelos personagens, que esta pode ser abordada com um viés diferenciado por já se conseguir transcender as oposições binárias que costumam permear os debates raciais que se dão desde o processo colonizatório ocorrido nos países do Sul. Esta nova abordagem surge consubstanciada no discurso de Arcanjo Mistura, que, contemporaneamente, nos remete ao discurso do candidato à presidência nos Estados Unidos Barack Obama, em detrimento do enfoque bipolarizado enunciado pelo Régulo, personagem de um tempo histórico mais antigo. Ressalta-se que a nova focalização do assunto surge como uma consequência da emergência de subjetividades rebeldes que acreditam na modificação do futuro, dando corpo a uma esperança mais ativa e ambígua que se converte na ação presente, visando à modificação do que está em um momento além.

**PALAVRAS-CHAVES:** intelectualidade, discurso crítico, personagem popular, literatura africana de língua portuguesa, questão racial

**Abstract:** The article aims at analyzing the critical behavior of characters in two African novels written in Portuguese: Régulo Bsum Nanki, of the novel *A última tragédia*, and Arcanjo Mistura, of the novel *O outro pé da sereia*. Firstly we consider the way they socially interact so as to eventually analyze the critical discourse they reveal as popular characters. For that purpose, we have mainly drawn from Said's (1994) and Santos's (2000) theories. Concerning the racial issue the characters arise, we have concluded that the question may be considered in a different perspective as it transcends the binary oppositions that have usually characterized the racial debates since the colonizing process suffered by the Southern countries. This new approach gets materialized in Arcanjo Mistura's discourse, which currently resonates Barack Obama's inaugural address, despite Régulo's bipolarized emphasis; a fact justified by his being a character belonging to an older historical time. It is relevant to point out that the new focus on the issue appears as a consequence of the emergence of rebellious subjectivities who believe the future may be changed, thus giving life to a more active and ambiguous hope, which may result in present action, aiming to modify what lies in a moment beyond.

**Keywords:** intellectuality; critical discourse; popular character; African literature of Portuguese language; race

Este texto tem por objetivo analisar a atitude crítica de duas personagens da literatura africana de língua portuguesa. Tratam-se, especificamente, do Régulo Bsum Nanki, do romance *A última tragédia*, do escritor guineense Abdulai Sila, que foi traduzido para o francês, mas que consideramos em sua língua original, português, e de Arcanjo Mistura, personagem do romance *O outro pé da sereia*, escrito pelo moçambicano Mia Couto.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa / USP.

Esta análise inspira-se, sobretudo, nas considerações que Edward Said levanta em seu livro *Representações do intelectual* – As conferências de Reich de 1993, onde o autor aborda as relações do intelectual com as instituições, com os grandes meios de comunicação, com o poder e a sociedade, tendo por vista uma realidade pós-Guerra Fria. Contribuem, também, para o trabalho que se desenvolve, as teorizações de Boaventura de Sousa Santos, a partir do livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*, de Serge Gruzinski, considerando-se suas reflexões sobre misturas e mestiçagens, presentes no livro *O pensamento mestiço*, e de Benjamin Abdala Junior, examinada através do texto *Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural* – novas perspectivas Ibero-afro-americanas, encontrado no livro *De Vóos e Ilhas: literatura e comunitarismos*.

Não obstante, é muito importante, que se esclareça, ao mesmo tempo, que não nos propomos a um trabalho de revisão teórica. Idéias dos referidos autores serão expostas na medida em que se revelarem oportunas para discussão da configuração da atitude crítica do Régulo e de Arcanjo Mistura, tendo em vista o modo como se relacionam socialmente, o que é o objeto da investigação deste texto.

Inicialmente, gostaríamos de nos referir a Moema Parente Augel, estudiosa notável da literatura guineense. Os anos de dedicação ao estudo da literatura de Guiné-Bissau, que lhe proporcionaram conhecimento para construir um rico trabalho de doutoramento a respeito, possibilitam a Augel ressaltar que “já é possível detectar alguns pontos altos, textos mesmo exemplares, excelentes, embora o conjunto [da literatura guineense] ainda se mostre modesto e um tanto hesitante” (1998, p.117). A autora pontua que a despeito das enormes dificuldades infra-estruturais<sup>2</sup>, os escritores locais motivam-se a escrever, alguns conseguindo, inclusive, substituir “o discurso demagógico da ideologia dominante [do país], plasmando, com seus textos, a representação simbólica de uma comunidade de destino, de história e de cultura” (AUGEL, 2006, p.15).

No que se refere a Abdulai Sila, criador da personagem que propomos analisar, esclarecemos não apenas o fato de se sobressair como “o pioneiro do Romance guineense”. Acresce a isto o fato de Sila, que é o mais prolífico prosador da Guiné-Bissau<sup>3</sup>, ser um representante de destaque de “uma literatura que pretende recobrar a memória subalterna, recuperando a voz dos silenciados, lançando mão da reconstituição da História como base de um discurso denunciador, dirigido contra um outro, hegemônico e diametralmente oposto” (AUGEL, 2006, p.8).

---

<sup>2</sup> Couto, ao apontar a Guiné como um dos países mais pobres do mundo, também nos esclarece sobre alguns dos entraves que obstruem o desenvolvimento literário desta jovem nação: “não há um parque gráfico para imprimir as publicações, não há esquema de distribuição do que se publica (...) nenhum dos que escrevem em português tem essa língua como materna” (1999, p.68). Acresceríamos, ainda, um alto índice de analfabetismo compartilhado em maior ou menor grau pelas diversas faixas etárias em que se distribuem os guineenses.

<sup>3</sup> Abdulai Sila iniciou com o romance *Eterna paixão*, em 1994. A este se seguiram *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), todos publicados pela KU SI MON Editora, a primeira editora privada do país (AUGEL, 1998, p.333).

O fato de o quadro recente da literatura da Guiné-Bissau ainda não ter sido assimilado pela maior parte dos estudiosos que se dedicam à produção literária dos países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, sendo que, no que compete ao Brasil, Augel afirma que “a ausência de informação é praticamente total, tirando-se raras referências em algumas poucas antologias” e a revista *Papia. Revista de crioulos de base ibérica*, que já publicou algumas “resenhas de obras literárias guineenses” (1998, p.127-8), motivou-nos a integrar este espaço aberto que existe para o estudo e divulgação do por ora algo restrito acervo literário guineense, que, gradual, mas, autenticamente, vai se estabelecendo.

Fazemos isso, agregando a consideração de um personagem criado por um escritor deveras conhecido no mundo das letras de língua portuguesa e mesmo mundial. Embora Mia Couto dispense grandes apresentações, por ser um dos maiores nomes da literatura africana contemporânea, pode ser interessante, para o leitor desavisado, saber que este moçambicano, que é hoje um dos mais prolíficos prosadores vivos, começou sua carreira como jornalista e como poeta, facetas que não foram abandonadas, quando percebemos que seu texto em prosa não descuida do olhar à realidade de seu país e, tampouco, do ritmo e da sensibilidade, que são característicos da poesia. O escritor já recebeu variados prêmios por sua produção literária, tendo o *Outro pé da sereia* sido condecorado com Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura no final de 2007. Mia Couto, apesar de se presumir, já possa viver da literatura que produz, é biólogo, atuando não só como consultor para projetos e estudos ambientais, quanto como professor de Biologia na Universidade Eduardo Mondlane.<sup>4</sup>

Ultrapassando os preâmbulos, devemos considerar que o Régulo e Arcanjo Mistura, em seus respectivos contextos, são personagens populares. Desta forma, embora tenhamos em mente que Said tece considerações sobre o intelectual, acreditamos que seja mais apropriado considerar estas personagens como portadoras de discurso e posturas críticas que as distingue das demais.

A leitura de *Representações do intelectual*, de Said, nos oferece várias considerações sobre a configuração do intelectual. O autor cita, inicialmente, Gramsci, para quem existem os intelectuais tradicionais, como “professores, clérigos e administradores, que, geração após geração, continuam a fazer a mesma coisa” (SAID, 1994, p.19-20), e os intelectuais orgânicos, estes relacionados a classes e empresas, atores sociais que “lutam constantemente para mudar mentalidades e expandir mercados.” (idem, p.20). Cita Brenda, segundo quem apenas uma minoria formada por europeus homens, que nutre uma “paixão metafísica e

---

<sup>4</sup> Para maiores informações literárias sobre Mia Couto, sugerimos, introdutoriamente, o artigo “Mia Couto: e a incurável doença de sonhar”, de Carmen Lucia Tindó Ribeiro Seco, presente no livro *África & Brasil: letras em laços*, organizado por Maria do Carmo Sepúlveda e Maria Teresa Salgado. Sobre o recente romance *O outro pé da sereia*, sugerimos a leitura feita pela Prof<sup>a</sup> Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira que resultou no artigo *O outro pé da sereia: o diálogo entre história e ficção na figuração da África contemporânea*, encontrada no site: [http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihm/graduacao/letras/revista/galleries/downloads/textoshirley24.pdf](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/galleries/downloads/textoshirley24.pdf)

princípios de desinteressados de justiça e verdade”, ou seja, sejam distanciados dos problemas práticos, comporia o grupo dos verdadeiros intelectuais. Ainda, considera Shils, que apresenta uma visão semelhante à de Brenda, de forma que somente um restrito grupo de pessoas “dotadas de uma sensibilidade incomum em relação ao sagrado, (...) de uma rara capacidade de reflexão sobre a natureza do seu universo e sobre as regras que governam sua sociedade” (idem, p.46), representa os verdadeiros intelectuais.

Não obstante, o que mais nos interessa é a própria concepção que Said tem da questão. Para o autor, o intelectual é “um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses” (SAID, 1994, p.25). O intelectual, precisa ter uma vocação para “representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”, papel que encerra “certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los)”, distinguindo-se como alguém que não é “facilmente cooptado por governos ou corporações” (SAID, 1994, p.25-6).

A história do romance *A última tragédia* passa-se na Guiné-Bissau colonial, onde uma ordem histórica, simbólica e política negro-africana entra em tensão com outra, branco-ocidental, imposta pelo processo de colonização. Neste, contexto, Bsum Nanki vive na aldeia de Quinhamel, capital da região de Biombo, em Guiné Bissau, onde exerce a função de régulo, chefe tradicional de grande autonomia e respeitabilidade junto a sua comunidade, a qual guia com sabedoria, reconhecendo que “muitos males provocados pelo colonizador poderiam ser minimizados se o povo tomasse consciência da própria força e capacidade” (AUGEL, 2006, p.10 e 12).

O conflito do Régulo que aqui nos importa considerar é configurado pela presença de um novo Chefe de Administração na aldeia, representante do poder central português. Diferentemente dos chefes anteriores, que trabalharam na região e que acabaram entrando em acordo com o poder simbólico detido por sua figura, o novo chefe recusava-se a tratá-lo com a deferência exigida por sua posição, querendo submeter-lhe a situações que comprometeriam a autoridade e prestígio que revelava perante a comunidade.

De início, o Régulo Bsum Nanki consegue fazer frente às implicâncias deste chefe mediante plano tecidos com seus três conselheiros. Nisto muito se distingue em sua missão, visto que, segundo a tradição, régulo nenhum precisaria de conselhos, cabendo-lhe apenas mandar, “os outros tem que obedecer e mais nada” (SILA, 2006, p.68). Com efeito, este bom desempenho se mantém devido a uma engenhosidade e clarividência particulares ao chefe tradicional, que tanto age como pensa consoante a uma postura crítica que passamos a delinear.

Ao mandar, por exemplo, construir, com os seus próprios recursos, uma escola para a instrução da população da aldeia, onde aulas passaram a ser ministradas por um professor negro, natural da região, instruído e de sua própria escolha, sem

esclarecer às pessoas da comunidade, porém, o papel essencial que teve para concretização do projeto, não é, obviamente, a vaidade o que o guia. Antes disso, o Régulo parece curiosamente imbuído da noção de Santos (2000, p.29) de que “Todo o acto de conhecimento é uma trajetória de um ponto A que designamos por ignorância para um ponto B que designamos por conhecimento”, o qual, certamente, pode promover o surgimento de indivíduos vários que venham a compartilhar seu desejo de uma pátria autônoma, livre e digna.

Além disso, seu modo peculiar de ver a relação que se estabelece entre africanos e colonos é ainda mais bem percebido por um rol de reflexões que constituem um discurso crítico que o Régulo desejou difundir através de uma espécie de testamento instrucional, que pretendeu deixar a seu sucessor e que muito explica as atitudes que teve como líder popular. Sua filosofia concentra-se na importância que tem o ato de pensar. Para ele,

“Havia muita coisa que não andava como deve ser e as pessoas deixavam andar. Por quê? Porque não pensavam. A cabeça não é só para pôr chapéu, toda a gente sabe, É para pensar também. Veja-se só como fazem os brancos. Não é que ele goste dos brancos, longe disso.

(...) O branco pensa em tudo, mas a cabeça do branco não é mais grande que a cabeça do preto. Têm a mesma coisa lá dentro, foi o mesmo Deus que fez. O branco trabalha pouco, mas pensa muito; o preto trabalha muito, mas pensa pouco. Tudo ao contrário. Foi assim que o problema começou. Foi pensando nas coisas que tinham a fazer que os brancos conseguiram o que conseguiram.

(...) É preciso encontrar uma saída. Por isso e para isso ele tinha tomado uma decisão: tinha que pensar, pensar sempre. E para pensar uma cabeça vale mais do que uma. Três mais do que duas...” (SILA, 2006, p.68-9).

Este excerto serve a propósito de várias considerações. Aproveitando para enfatizar que decidimos considerar a personagem no texto observando-a no papel de líder comunitário, chamamos atenção, inicialmente, para o fato de suas reflexões constituírem a razão principal para a caracterização que realizamos sua como detentora de um discurso crítico.

Respalhando-nos teoricamente em Santos, ousamos dizer que o Régulo traz a consciência de viver no tipo de comunidade que o autor denominou como “comunidade-fortaleza”. Estas são comunidades “agressivas-exclusivas (...) constituídas por grupos sociais dominantes que se fecham numa pretensa superioridade para não serem corrompidas por comunidades supostamente inferiores.” (2000, p.339). Não obstante, é essencial destacar que esta consciência ainda se completa pelo desejo e propósito de transcendência a um tipo de comunidade em que todos participem como sujeitos. Sendo os africanos tão aptos a pensar quanto os brancos, não há motivo para que as determinações existentes, que consolidam o colonialismo, continuem a prevalecer.

Isto posto, podemos entender que o Régulo apresenta uma “subjetividade rebelde” que permite compreendê-lo como o exemplo da resistência dos nacionais contra o jugo colonial opressor, consubstanciando a figura do africano mentalmente

emancipado (AUGEL, 2006, p.12). Cabe esclarecer que o indivíduo de subjetividade rebelde, para Santos, é capaz de “identificar possibilidades e as ampliar para além do que é possível sem esforço” (p.33). Este indivíduo é quem adere, em suma, a uma “utopia”, ou seja, à

exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e [a] a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a humanidade tem direito (2000, p. 332).

Este chamar de atenção para o que é humano e, portanto, nem do branco ou do negro, exclusivamente, nos remete, por outro lado, à personagem Arcanjo Mistura, personagem do romance *O outro pé da sereia*. Assim, como parte de sua apresentação, torna-se importante esclarecer que diferentemente do que se dá com o Régulo, as idéias de Arcanjo têm níveis de propagação um tanto maiores, visto que são reveladas na interação com outros personagens e não, majoritariamente, através de reflexões, como o que acontece com o chefe tradicional.

Arcanjo Mistura é apresentado como um revolucionário de muita cultura já “desiludido, amargado com o rumo político do país” (COUTO, 2006, p.119-20). Esta relação de interesse pela política, cabe dizer, é marca que traz da juventude, período em que abandonou os estudos no vizinho país, o Malawi, para dedicar-se à política, fase que acabou com sua prisão pela PIDE e deportação para Moçambique.

De volta ao país, instala-se em Vila Longe, onde abre uma barbearia, atitude que é justificada ao leitor da seguinte forma:

“... a barbearia é um lugar em que se reduz o cabelo e crescem as línguas. É um bar de conversas, um mercado de mexericos. – **Sou barbeiro não por profissão, mas por missão** (COUTO, 2006, p.183),

já que “[N]o escondido na sua loja, Arcanjo se actualizava sobre as realidades políticas e vontades das gentes”, toda semana mandando relatórios sobre “a situação naquele fim de mundo” a um “confidencial destinatário [que] tomava o nebuloso nome de ‘comité’” (COUTO, 2006, p.184).

O que nos interessa nesta figura são os posicionamentos que toma ao ser informado da chegada de um casal de americanos na comunidade, que, pretensamente, objetiva investigar as origens da escravização de africanos da região por portugueses, ocorrida nos séculos passados. Ao longo do processo, notamos que Arcanjo Mistura claramente se opõe às intenções de Casuarino, empresário da comunidade, de forjar uma África que denomina de “autêntica” e “profunda”, de forma a agradar ao estrangeiro Benjamin Southman e assim poder lhe explorar financeiramente.

Mistura é incisivo – “– *Você quer nos apresentar como criaturas exóticas, vivendo de crenças e tradições. Não era essa a imagem que os colonos faziam de nós?*” (COUTO, 2006, p.290) – e com isso revela estar consciente de que

“os enfoques dualistas e maniqueístas seduzem pela simplicidade, e quando se revestem da retórica da alteridade, confortam consciências e satisfazem nossa sede de pureza, inocência e arcaísmo” (GRUZINSKI, 2001, p.48).

E neste caso, o problema se amplia, visto que a consciência a ser satisfeita é a de um estadunidense que, ao ter viajado para África imbuído, ainda, da intenção de superfaturar todas suas ações no campo de trabalho, acaba materializando as articulações globalizadoras que ocorrem entre Norte e Sul, em que apenas as corporações hegemônicas do primeiro pólo saem lucrando (cf. ABDALA Jr., 2003, p.78), reproduzindo, então, por seu turno, a situação colonial, que passa a vestir a pele do imperialismo contemporâneo.

Por demonstrar sua oposição a Casuarino quando este parece encontrar um consenso no seio da comunidade, por suas demais considerações verdadeiras e polêmicas – à pesquisadora brasileira que indaga sobre a ruína de edifícios no vilarejo que aparentemente foi causada pela guerra: “– *Estas casas não foram destruídas. Estas casas morreram. (...) Uma casa morre, se não é habitada com amor. (...) O mal é que nós não habitamos essas casas: apenas as ocupamos.*” (p.143); a Mwadia, que procura um lugar sagrado para estabelecimento da imagem da santa: “*igrejas há, o que falta é a crença*”, p.318 – podemos dizer que Arcanjo Mistura, até com mais força do que o Régulo, encarna a agudeza que, para Said, o intelectual deve ter no exercício de seu papel. Aqui, utilizamos o termo agudeza, contudo, não no sentido de qualidade de concepções, mas atendo-nos, especialmente, ao destemor que Arcanjo revela na expressão de suas opiniões. Sua atitude conflui com o seguinte dizer de Said (1994, p.27) a respeito do intelectual “O importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável”. Como saldo, percebemos que Arcanjo, dentro de sua configuração de personagem popular e prescrevendo um comportamento crítico, também se configura como uma subjetividade rebelde, que se utiliza do presente para atuar visando à melhora do futuro, construindo a partir do hoje uma utopia.

Nesta estratégia, Mistura adota concretos e abstratos procedimentos. Um deles, a saber, parece ser “nunca a solidariedade antes da crítica” (SAID, 1994, p.43). Explicamos: o caráter contundente de Arcanjo Mistura pode ser atribuído à desilusão que já referimos ter em relação ao rumo que Moçambique está tomando. Todavia, preferimos entender sua postura como tributária de um desejo maior de “promover a liberdade humana e o conhecimento”. (SAID, 1994, p.27 e 31), o qual não se rende mesmo diante da possibilidade de aderir ao comportamento adotado por seus semelhantes. Isto fica claro quando percebemos que inclusive Mwadia, que, de alguma forma, protagoniza a história e parece ter um propósito maior na sua ida até Vila Longe, e de quem, portanto, tendemos a esperar mais, acaba se

envolvendo nas artimanhas elaboradas para ilusão do estadunidense. Mistura, por outro lado, o modesto barbeiro sem barbearia, “guardião do espírito revolucionário” (COUTO, 2006, p.121) que não encontra ouvintes quando resolve deixar-se envolver pela poesia, distingue-se, rejeitando a conduta leviana de seus pares, assumindo antes e sem peia valores próprios que transcendem à sua necessidade de harmonização social.

Destes valores, o que mais nos chama a atenção é o discurso que exhibe em uma conversa com o estadunidense Benjamin Southman, cujo trecho reproduzimos:

“Uma coisa é certa, disse Southman, vocês, daquele lado, e nós, deste lado, temos uma única luta, a afirmação dos negros...

Foi lenha atirada à fogueira. O barbeiro, navalha em riste, argumentou:

– Irrita-me, senhor Benjamin, esse discurso da afirmação dos negros.

– Irrita-o porquê?

– O que diria você se encontrasse uns brancos proclamando o orgulho de serem brancos: não diria que eram nazis, racistas?

– Não pode comparar, meu amigo. São percursos diferentes...

– Ora diferentes, diferentes... Porque somos tão complacentes connosco próprios?

– A verdade é só uma, afirmou Benjamin, nós, os negros, temos que nos unir...

– É o contrário.

– O contrário como? Sugere que nos devemos desunir?

– Nós temos que lutar para deixarmos de sermos pretos, para sermos simplesmente pessoas...” (COUTO, 2006, p.188).

Se trouxermos o discurso de Arcanjo Mistura para o contexto atual, em que o mundo está à espera da definição dos candidatos que disputarão pela presidência dos Estados Unidos da América, país cuja política desenvolvida, de uma forma ou de outra, reflete-se nos demais países do Norte, mas, ainda e especialmente, nos países do Sul, contando com uma eleição que, portanto, se torna de interesse amplo, poderemos relacioná-lo com a personalidade política que, neste cenário, tem-se se distinguido por se revelar como uma alternativa liberal, em termos políticos, e ainda inaugural, haja vista poder representar os negros e outras minorias étnicas, que historicamente foram vítimas de séculos de uma discriminação racial grandemente corroborada pela elite branca que sempre dirigiu o país. Referimo-nos, evidentemente, a Barack Obama, candidato do partido Democrata.



Sem objetivar entrar nos meandros da discussão que envolve este candidato, o que incluiu abstermo-nos de considerar Obama como embranquecido demais, a ponto de ter apelo diante da população afro-americana, ou nem tão negro, tornando-se atrativo para a comunidade estadunidense branca e mais esclarecida, mesmo porque reconhecemos que Obama nunca optou por assentar sua campanha na questão racial, mesmo sabendo que “a questão da raça não pode ser ignorada por este país no momento que vivemos” (OBAMA, 2008), tendo-se quando a isto manifestado por exigências do projeto a que se lançou, gostaríamos, não obstante, de aproveitar a oportunidade desta pontual manifestação para comparar os princípios de Arcajo Mistura com a linha condutora do pensamento de Obama no que toca a questão racial humana.

Em discurso pronunciado em meados de março de 2008, Barack Obama referiu-se da seguinte forma:

“Esta foi uma das tarefas a que nos propusemos no início desta campanha – continuar a longa marcha daqueles que vieram antes de nós, uma marcha em direção a um país mais justo, mais igualitário, mais compassivo e mais próspero. Escolhi disputar a presidência neste momento histórico porque acredito profundamente que não possamos resolver os desafios de nossa era a não ser que o façamos juntos – a não ser que aperfeiçoemos nossa união ao compreender que, embora nossas histórias pessoais [histórias de negros e brancos estadunidenses] possam diferir, temos esperanças comuns; que embora nossas aparências não se assemelhem, desejamos todos nos mover na mesma direção – o caminho de um melhor futuro para os nossos filhos e netos”. (OBAMA, 2008)

Este tipo de discurso que conclama a união dos norte-americanos na busca pela solução dos problemas que afetam a nação estadunidense tem sido apontado como uma das razões pelas quais Obama tem se mostrado como melhor alternativa, em detrimento de sua oponente partidária Hillary Clinton, para ocupar a posição de elegível à cadeira da presidência do país. Segundo Marcus Babry, em artigo publicado no jornal *New York Times*, em 8 de junho de 2008, isto advém do fato de um grande número de brancos o virem como pós-racial<sup>5</sup>.

Segundo McWhorter, membro elevado do Manhattan Institute que opina no referido texto, “as pessoas brancas estão cansadas do tipo de pessoas negras que se dedicam a processar os brancos como sendo racistas”. Para Babry, “a raça é uma das questões mais contenciosas na sociedade Americana e, como em muitas questões deste tipo, os americanos preferem escolher o caminho intermediário dentre

---

<sup>5</sup> De acordo com Marcus Babry (2008, p.1), “... some people argue that one of the reasons Mr. Obama was able to defeat Senator Hillary Clinton was that a large number of white voters saw him as ‘postracial’”.

claros extremos. ‘De muitas formas, Obama é a ideal pessoa intermediária – ele é tanto branco quanto é negro’, disse Alan Wolf, um professor de Ciência Política na Universidade de Boston.<sup>6</sup>

Antes de prosseguir com qualquer esboço do contexto algo polêmico formado pelos variados posicionamentos que surgiram a partir da questão racial posta, socialmente, nos EUA, com o projeto de lançamento da candidatura de Obama, desejamos ao invés, ressaltar a confluência de idéias que existe entre o defendido por Arcanjo Mistura, personagem literária que está no foco de nossa atenção, e o preconizado pelo candidato estadunidense.

O que destacamos, especificamente, é o fato de se porem como subjetividades que relevam seus contextos sociais e os problemas inerentes, tendo em perspectiva que seus grupos se devem constituir como comunidades em âmbito político e sociocultural que experimentam dramas humanos, e não como grupos que partilham questões reais, mas que se alheiam pela cor da pele. Esta é a ampliação de raciocínio que alcançam em comparação com as proposições do Régulo, personagem de um outro tempo, mais apegado à dicotomia negro x branco para o estabelecimento de sua posição.

Finalmente, aproveitamos para ressaltar que o objetivo deste texto foi o de analisar o comportamento crítico das personagens da literatura africana de língua portuguesa Régulo Bsum Nanki, do romance *A última tragédia*, e Arcanjo Mistura, do romance *O outro pé da sereia*, considerando o modo como se relacionam socialmente, para ponderar sobre o discurso crítico que revelam enquanto personagens populares.

Este percurso nos permitiu chamar a atenção para o fato de, no momento histórico presente, se fazer possível a emergência de subjetividades rebeldes que acreditam na modificação do futuro, dando corpo a uma esperança mais ativa e ambígua que se converte na adoção de uma utopia entendida como um “realismo desesperado de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera, não em geral mas no exato lugar e tempo em que se encontra” (SANTOS, 2000, p.36). Como exemplar desta configuração, consideramos Arcanjo Mistura, inserido em âmbito literário, e Barack Obama, como um emergente ícone político que parece prenunciar rupturas no controle ideológico sempre dominado pela elite branca nos Estados Unidos.

Ainda, no que esta discussão tangeu à questão racial como sucintamente apresentada por estas subjetividades rebeldes, talvez algo embrionárias, percebemos que esta pode já ser abordada com um viés diferenciado por transcender as oposições binárias que há tanto tempo permeiam os debates raciais, o que abre o espaço para que pessoas, “*simplesmente pessoas*” tenham matéria e maturidade para uma reflexão que o contexto colonial vivenciado pelo Régulo Bsum Nanki

---

<sup>6</sup> Para Marcus Babry (2008, p.1), “Race is one of the most contentious issues in American society, and, as with many contentious issues, Americans like to choose the middle path between perceived extremes. ‘In many ways, Obama is an ideal middle person – he is just as white as he is black’, said Alan Wolfe, a political science professor at Boston College”.

ainda não possibilitava, partindo, então, para a discussão de suas questões como problemas de humanos, humanamente marcados.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA Jr., B. Fronteiras Múltiplas e Hibridismo Cultural: Novas perspectivas Ibero-africanas. In: \_\_\_\_\_ *De vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.77 a 102.
- AUGEL, M. P. *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da República da Guiné-Bissau, 1998.
- AUGEL, M. P. Três faces da nação (prefácio). In: SILVA, A. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006, p.7 a 20.
- COUTO, H. H. do. Crioulo e português na Guiné-Bissau. *Revista Humanidades: Consciência Negra*. Brasília,, n. 47, nov./dez. 1999, p. 55 a 68.
- COUTO, M. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRUZINSKI, S. “Misturas e mestiçagens”. In: \_\_\_\_\_ *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.39 a 62.
- MABRY, M. Where Whites Draw the Line: How black is too black?. *The New York Times*. New York, 8 jun 2008. Week in Review, Color Test, 2 p. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2008/06/08/weekinreview/08mabry.html?\\_r=1&ex=1213588800&en=f100e0de60121fa2&ei=5070&emc=eta1&oref=slogin](http://www.nytimes.com/2008/06/08/weekinreview/08mabry.html?_r=1&ex=1213588800&en=f100e0de60121fa2&ei=5070&emc=eta1&oref=slogin)> Acesso em: 17 jun. 2008.
- OBAMA, B. H. Discurso proferido em 19 de jun 2008, na Filadélfia, Estados Unidos da América - versão fornecida pela direção de sua campanha presidencial, *online*, 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u383130.shtml>>. Acesso em: 17. jun. 2008.
- SAID, E. *Representações do intelectual* – As conferências de Reich de 1993. Trad. Milton Hatoum, São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.19 a 54.
- SANTOS, B. S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILA, A. *A última tragédia*. Bissau: KU SI MON Editora, 1995. Tradução e notas de Alain Canihac e Graziella Neves Forte Canihac.
- SILA, A. *L'ultime tragédie*. Saint-Maur: Editions Sépia, 1995.
- SILA, A. *A última tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.